

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

A VICTOR HUGO

Victor Hugo é a encarnação do seculo desenove. O maior espirito do nosso tempo, o genio que exerceu maior influencia na nossa civilização.

E' tarde para fallar da grandeza, do esplendor do seu enormissimo talento. Não temos capacidade, nem é este o lugar proprio, para escrever a critica litteraria-politico-philosophica do espirito sublime que se apagou em França. Mas não é tarde, nunca será tarde, para fallar da sublimidade d'aquelle coração generoso, aberto aos soffrimentos da humanidade inteira.

Foi aos sete annos que Victor Hugo conheceu o seu primeiro amigo. Era um amigo grande, como lhe chamava, um amigo grande que o atirava ao ar para o receber nos braços, um amigo grande que fazia de amigo pequenino para correr, brincar e colher com elle florinhas no quintal.

Um dia quatro homens carrancudos, de que a creança teve medo, atravessaram o pateo e bateram á porta da casa de Victor Hugo.

—General Lahorie, estaes preso á ordem de sua magestade.

O general Lahorie era o amigo grande de Victor Hugo. Os quatro homens carrancudos eram policias do imperio que vinham arrancar o amigo grande dos braços do amigo pequenino para o levar... á guilhotina. Generoso proscripto, mal sabias tu que a tua morte havia de salvar no futuro a vida de tantos desgraçados!

A creança sublime de Chateaubriand nunca se esquecen da morte horrivel do seu querido amigo.

Em 1820 encontrou-se na rua por acaso com um homem que marchava ao cadafalso. Era Louvel, o assassino do duque de Berry. Victor Hugo, com o seu ultra-realismo d'esse tempo, odiava aquelle homem. Mas deante do cadafalso, deante da morte, deante da tortura, estremeceu e lembrou-se do amigo que lhe morrerá na guilhotina.

N'uma tarde de verão de 1825 viu cortar as mãos e a cabeça a um assassino. Nas ruas havia milhares de curiosos. Nas casas circumvisinhas bebia-se e cantava-se alegremente á espera do espectáculo. Victor Hugo horrorizou-se. D'ahi em deante parece que o acaso se comprazia em o fazer esbarrar no cadafalso. Aceitou o combate e converteu-se em inimigo encarniçado e acerrimo da pena ultima.

Começou a escrever o *Ultimo dia d'un condemnado*. Todas as tardes se enchia de coragem para

lucta grandiosa com a leitura d'uma pagina d'esse livro famoso, d'esse grande livro que era arrancado soffregamente dos livros quando surgiu em 1829, d'esse livro humanitario que no meio de tanta gloria, ha de ser sempre a maior gloria do velho sublime que nos morreu ha dias.

O *Ultimo dia d'un condemnado* era o ultimo dia da pena de morte na consciencia universal.

O combate seguiu-se fero e tenaz. O athleta da civilização não teve momentos de duvida nem de desalento. Era firme no seu posto, ardente na defeza, inabalavel na convicção.

Em 1832 juntou ao *Ultimo dia d'un condemnado*, um prefacio extenso em que largando o sentimentalismo com que se impoz n'aquelle livro tratava a questão pelo lado logico e legal.

Em 1834 escreve o *Claudio Gueux*. O *Claudio Gueux*, publicado primeiro na *Revista de Paris*, é o grito dilacerante, que nos arranca lagrimas de dor, contra as injustiças sociaes. E' uma palavra de perdão, é uma palavra de amor para a memoria do infeliz que teve fome, do condemnado que se mettia na prisão para minorar os soffrimentos de seu pae que idolatrava.

A 12 de maio de 1839 rebenta a revolução de Barbés e Blanqui. Blanqui pôde fugir; Barbés é preso e condemnado á morte. Victor Hugo sabe no theatro da sentença, sabe que Barbés será executado n'essa noute. Corre ao palco, entra no camarim da direcção e escreve ao rei no primeiro papel que se lhe depara:

Par votre ange envolée ainsi qu'une colombe!

Par ce royal enfant, doux et frère roseau! Grâce encore une fois! grace au nom de Dieu!

Grâce au nom du berceau!

E o rei poupa a vida de Barbés.

Barbés escrevia-lhe mais tarde:—Eu não podia morrer porque o sr. me defendia.—Assim era.

Em 1846 e 1847 votou como par do reino contra a morte de José Henrique e Lecomte que dispararam tiros contra o rei.

Em 1848 debateu-se na assembleia constituinte a pena de morte. Victor Hugo subiu á tribuna e pronunciou um brillantissimo discurso:

«Acabaes de consagrar a inviolabilidade do domicilio; consagrae outra inviolabilidade mais elevada e mais santa:—a inviolabilidade da vida humana.»

no jornal *Événement*. Victor Hugo consegue defender seu proprio filho e enriquece a eloquencia moderna com um dos maiores discursos conhecidos.

«Meu filho, tu recibes hoje uma honra excepcional. Poste julgado digno de combater e talvez de padecer pela santa causa da verdade. E's apenas um simples soldado da idéa humana e democratica. Sentas-te no banco em que se sentou Béranger, em que se sentou Lamennois.»

Em 1854, residindo em Jersey, soube que ia ser enforcado um homem em Guernsey. Escreveu a este povo uma carta brilhante pedindo-lhe que intercedesse a favor do condemnado. E a população ingleza de Guernsey intercedeu de facto!

Em 1862 foram condemnados na Belgica nove homens á morte. Victor Hugo pediu-lhe a vida e deram-lhe a vida de sete.

No mesmo anno o cantão de Genebra (Suissa) revia a sua constituição. Victor Hugo escreveu á Constituinte pedindo-lhe que abolisse a pena de morte. A carta chegou tarde, mas como na republica Helvetica as leis não são postas em vigor sem receberem a sanção popular, o grande poeta escreveu ao povo rogando-lhe que não accedesse a pena de morte. E o povo suíço repeliu-a!

Depois pediu sempre. Nunca deixou de repetir:—*Abaixo o cadafalso! Morte á morte!*

Pediu sempre. Pediu ao presidente da Republica do Mexico a vida de Maximiano, ao imperador d'Austria a vida d'Oberdank, á rainha de Inglaterra a vida dos irlandezes, ao rei de Hespanha a vida dos revolucionarios. Pediu desenas de vidas e desenas de vidas obteve. Nunca bateu á porta d'um rei senão para lhe pedir a vida d'um homem. Nunca quiz outro galardão dos presidentes de republicas. Uma prece? Uma prece pelo auctor dos *Miscarvés*, da *Lenda dos Seculos*, do *Homem que ri*, não. Deixae-o mais refulgente na gloria, mais sublime na immortalidade.

Uma prece pelo grande amigo da humanidade, pelo inimigo da pena de morte, uma prece sim.

Homens sem crenças religiosas, descobri-vos deante d'esse feretro que passa. E' o cadaver do advogado dos nossos soffrimentos. Mulheres religiosas, rezae por elle. Nunca mais os vossos filhos terão uma voz tão poderosa para lhe pedir a vida, um braço tão possante para os arrancar do cadafalso.

Victor Hugo, o grande inimigo da pena de morte, era tambem o

grande defensor das pequenas nacionalidades. A Polonia desmembrada, a Grecia avassalada, a Irlanda tyrannizada valeram-lhe phrases eloquentes de defeza e consolo. Os paizes fracos perderam n'elle o mais energico proctorador dos seus direitos e das suas regalias. O nosso luto é pesado.

Rochefort chamou-lhe o *grande amnistiador*. Amnistiador sim, na brecha pelos perseguidos de todas as politicas, pelos realistas, pelos republicanos, pelos communalistas. Na brecha a pedir paz, a reclamar amor.

Sendo realista offerece a sua casa a um inimigo de Luiz XVIII que a policia perseguia. No exilio, é expulso de Jersey porque protesta contra os actos arbitrarios praticados com tres dos seus companheiros de desterro. Retira-se a Bruxellas onde protesta contra os actos da communa! Mas ahi franqueia a sua casa aos foragidos communalistas, o que lhe vale ser expulso e soffrer os ataques da população que lhe cerca a casa furiosa.

Intercede por Rochefort. E' o primeiro que ergue a voz a pedir a amnistia em 21 de março de 1876, e é elle que a consegue com uma activissima propaganda.

Grande coração, alma sem igual, como nós sentimos a falta que nos fazes! Cahes exactamente quando a lucta está em meio! Não mais ouviremos, todos nós, revolucionarios europeus, a tua voz de paz e de protesto! Não mais teremos quem nos evite a escada do cadafalso, quem nos arranque a cabeça das garras do leão, nem cahiremos tranquilos com a certeza do maior poeta do mundo nos cobrir a sepultura com um tapete de flores. A poesia morreu, a onda do sentimentalismo universal quebrou-se em uma sepultura. Fica-nos a aridez da lucta, o scepticismo da politica, a frieza marmorea da sciencia.

Autor de mil obras sublimes, salvé na região superior a que subsiste, a região eterna genial! Antagonista formidavel da pena capital, defensor dos opprimidos e dos perseguidos da politica, amigo das creanças, sacario de todos os sentimentos generosos, adeus. Adeus, para sempre.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Victor Maria Hugo, conde de Hugo, nasceu em Besançon a 26 de fevereiro de 1802. Seu pae foi general do imperio e distinguise pela sua coragem e pelos seus

brilhantes serviços. Sua mãe, pelo contrario, era vendéana, realista ardente, mulher de baixa condição.

Nos primeiros annos da sua existencia acompanhou seu pae nas agruras da vida militar. Em 1809 entrou em Paris e principiou a sua educação no convento das Fenillantines, sob a direcção de um proscripto, o general Lahorie, que denunciado e preso foi mandado fusilar pelo governo imperial.

Aos quatorze annos Victor Hugo escreveu uma tragedia aristotelica *Irtamène*, e dois livros de poesia lyrica: *le riche et le pauvre* e *la Canadienne*. Em 1817 concorreu ao premio da Academia, inscrevendo-se como um poeta de 15 annos. A Academia não lhe concedeu o premio, por não acreditar que uma obra de tanto valor fosse escripta por um poeta d'aquelle idade. Concedeu-lhe apenas uma menção honrosa. De 1819 a 1822 apresentou-se tres vezes nos jogos florae de Toulouse com as poesias *Vierges de Verdun*, *le Rétablissement de la statue de Henri IV*, *Moise sur le Nil*, obtendo tres vezes o premio e sendo proclamado vencedor.

Em 1822 publicou o primeiro volume das *Odes et Ballades* que lhe valeu a designação de *creança sublime* por parte de Chateaubriand.

Depois lançou-se abertamente na revolta contra a escola classica, escrevendo *Le dernier jour d'un condamné*, que os românticos applaudiram calorosamente. Entretanto os sectarios do poeta pediam-lhe uma obra dramatica, que pudesse dignamente inaugurar no theatro a nova escola. Surgiu então a *Marion Delorme* que a censura repeliu. O *Hernani* levantou maior opposição, conseguindo porem ir á scena a 26 de fevereiro de 1830. N'essa noute houve uma verdadeira lucta no theatro chegando a vias de facto amigos e inimigos do poeta. Victor Hugo foi coberto de insultos e sarcasmos por esses quadrilheiros, que em todos os tempos se enfurecem na perseguição dos grandes reformadores.

A popularidade do poeta foi crescendo com a sua fama de dia para dia. A 3 de junho de 1841 entrou na Academia. Ahi foi mais tarde encarregado de receber Saint Marc Girardin, seu adversario declarado, e Saint Beuve, um dos setts mais ferrosos apostolos d'outrora. N'essa epocha fez muitas viagens de turista a diversos paizes, entre outros Hespanha, d'onde foi chamado subitamente em 1843 pela noticia da morte tragica de sua filha Leopoldina e de seu genro Charles Vacquerie, ar-

rebatados por uma onda em Villiquier, perto do Havre. Esse desastre, que echoou dolorosamente em todo o paiz, feriu muito Victor Hugo e inspirou-lhe grande numero de poesias collocadas no volume *Les Contemplations*.

Em 1845 foi nomeado par de Franca pelo rei Luiz Philippe.

A revolução de 48 veio abrir-lhe novos caminhos. Ao principio hesitou, mas depois lançou-se aertamente no campo republicano, tornando-se um dos oradores mais celebres da democracia. Os negocios de Roma, as questões do ensino, a reforma eleitoral, o projecto de lei sobre a revisão da constituição forneceram-lhe assumpto para discursos brilhantes. A vehemencia da sua linguagem atrahiu-lhe represalias dos adversarios, que lhe lançavam em rosto as suas antigas opiniões.

Luctava ao mesmo tempo na imprensa pela Republica. Fundou em 1848 o jornal *L'Événement*, que perseguido, condemnado e supprimido reapareceu depois sob o titulo de *L'Avénement*. Os ataques violentos de seu filho contra a pena de morte, suscitaram um processo áquelle jornal, em que Victor Hugo pediu para se defender a si proprio. Pronunciou um dos discursos mais grandiosos da eloquencia moderna.

Depois do golpe de estado de 2 de Dezembro, figurou na cabeça do rol de proscricção. Retirou-se com sua familia para a ilha de Jersey, d'onde foi obrigado a sahir em 1855, com todos os seus collegas d'exilio, por haver assignado um protesto contra a expulsão de tres d'entre elles.

Aos primeiros dias d'exilio assignou um appello violentissimo ás armas, dirigido aos seus concidadãos de que *Napoléon le Petit* (Bruxellas, 1852) não era mais do que o complemento. No anno seguinte escreveu sobre o mesmo assumpto *Les Chatiments*, que teve, como a obra precedente, uma tiragem enorme. Seguiram-se *Les Contemplations* (Paris, 1856) de forma ligeira, sentimentalista, que veio augmentar a admiração por Victor Hugo.

Em 1859, outra composição poetica, *la Légende des Siècles*, (2 vol.) que foi um grande acontecimento litterario. Cheia (*la légende*) d'esplendor e verve, annunciada como a primeira parte d'uma trilogia, da qual as outras duas se chamariam *La fin de Satan* e *Dieu*.

Dedicou este livro á Franca, mas recusou no mesmo anno, 15 de agosto de 1859, a amnistia que lhe permittia entrar lá. Com Quinet, Louis Blanc, Charras, etc, respondeu a esse decreto com um protesto publico. Repelliu ainda com maior altivez a segunda amnistia, de 15 de agosto de 1869, e respondeu ao convite publico que lhe dirigia Pyat para entrar com elle em Franca, recordando a *barreira de honra* que se tinha imposto, com este verso.

Et s'il n'en reste qu'un, je serai celui-là.

Em 1865 sahiu a sua ultima publicação poetica no exilio *Chansons des rues et des bois*. A 3 de abril de 1862 surgiu o grande romance *Les Misérables*, traduzido primeiro em nove linguas e posto á venda no mesmo dia 3 de Abril em Paris, Bruxellas, Londres, New York, Madrid, Berlim, S. Petersburgo e Turim.

Appareceram a seguir dois outros romances descriptivos—*Les Travailleurs de la mer* (1866—3 vol.) e *L'Homme qui rit* (1869—4 vol.). O maior triumpho de Victor Hugo nos ultimos annos foi a reprise do *Hernani*, no Theatro francez em 1867, por occasião da exposição universal. Durante quatro meses esse drama, que outr'ora levantára tamanha indignação obteve do publico cosmopolita reunido em Paris um successo extraordinario.

Nas *Contemplations* lê-se esta phrase:

On m'appelle apostat, moi qui me crus apôtre.

Alem d'estas obras ha desenas dos seus discursos, milhares de cartas, poesias dispersas, artigos de litteratura, de philosophia, etc, que colligidos *duriam volumes enormes*.

A revolução de 4 de setembro trouxe-o a Paris onde foi recebido com o maior enthusiasmo. Alguns dias depois da sua chegada, dirigiu aos allemães uma proclamação convidando-os a fundar a Republica e a estender a mão á Franca. A 10 de outubro pronunciou-se contra as eleições municipaes immediatas. No escrutinio de 8 de fevereiro de 1871 foi eleito membro da assembleia nacional por 214:169 votos. Na sessão do 1.º de março pronunciou um discurso contra a paz e repelliu-lhe os preliminares. A 8 de março, interrompido com violencia pela direita da assembleia deixou a tribuna e enviou a seguinte carta ao presidente:—«Ha tres semanas a assembleia recusou ouvir Garibaldi; hoje recusa ouvir-me: dou a minha demissão.» Alguns dias depois perdeu seu filho Carlos arrebatado subitamente por uma congestão cerebral e conduziu seu corpo a Paris no proprio dia em que rebentava a insurreição de 18 de março. Retirou-se para Bruxellas onde offereceu asylo aos emigrados comunistas o que lhe valeu ser expulso da Belgica. Entretanto a populaça cercava-lhe a casa e só escapou ás suas brutalidades graças á intervenção da policia.

Voltando a Paris, depois do processo dos chefes da communa, intercedeu com instancia junto de Thiers, mas debalde, a favor de Rochefort. Apresentado candidato a deputado por Paris e pelos radicaes em 1872, regeitou o mandato imperativo, mas aceitou um *mandato de contracto* que definiu pela primeira vez. Perdeu a eleição.

Em 72 apparecia *L'Année Terrible*, resumo dos desastres da Franca e em 1873 *La Liberation du territoire*.

Em 75-76 appareceram os seus discursos, allocuções etc, colligidos nos volumes *Avant l'exil*, *Pendant l'exil*, *Depuis l'exil*, uma commovedora brochura intitulada *Mes fils* (1874), *Quatre-Vingt-Treize* (1874).

A 30 de janeiro de 1876 foi eleito senador por Paris. A 21 de março apresentou logo um projecto d'amnistia plena, no senado, que defendeu na tribuna, em 22 de maio, com um discurso brilhante, mas conseguindo apenas obter seis votos. Em janeiro de 1879 voltou á tribuna a defender o mesmo projecto, assignado já por 16 dos seus collegas. Em 1877, depois de 16 de maio, fez parte do comitê de resistencia do Senado. Defendeu n'essa occasião a causa da Republica com o brilhante livro *Histoire d'un crime*.

No fim de 76 appareceu a 2.ª parte de *La légende des Siècles*. Em 77 *l'Art d'être grand-père*, em 78 *Le Pape* e *La Pitié Supreme*.

ULTIMOS MOMENTOS DO POETA

Na terça feira a lucidez do poeta era grande. Reviu provas da reimpressão das «Orientaes», fazendo emendas.

—O papá, em breve estará bom e iremos para o campo, animava a filha, que esteve sempre junta do leito.

—Sim... para o campo e para sempre.

Na sexta feira, á noite perguntou-lhe o doutor Allix se tinha cede. E dando-lhe uma bebida muito uzada na America disse-lhe sorrindo:

—Aqui está uma bebida republicana.

—Então bebo já, respondeu Victor Hugo.

—Soffro muito, disse o enfermo ao sr. Vacquerie, que pouco depois entrava no quarto.

—Todavia tem bom parecer, respondeu-lhe o sr. Vacquerie.

—No sabbado, conta Vacquerie

no *Rappel*, apertava-me a mão, sorrindo.

—Sente-se melhor, perguntou. —Estou morto, respondeu o poeta.

—Ora essal Pelo contrario está muito vivo.

—Vivo no vosso coração. Na segunda feira, voltando-se para Paul Maurice:

—Querido amigo, como custa morrer!

—Mas isto não é caso de morte!

—E' sim, é a morte, replicou Victor Hugo.

Num momento de tregua, mas já no estertor, abraçou seus netos Jorge e Joanna e depois fez signal a sua filha a sr.ª Lochroy para se aproximar, beijando-a na mão.

Nos ultimos lampejos da vida pôde dizer ainda:

—Adeus, Joanna.

E momentos em seguida pronunciou distinctamente esta ultima palavra.

—«Separação»—

Quando nos ultimos instantes os doutores Vielplan e Germain Sée entravam na camara do enfermo, já este não respirava senão aos solavancos, com vivas e profundas aspirações que ás vezes cessavam bruscamente, e o rosto conservava-se contraído.

Victor Hugo faz um esforço supremo, levanta a cabeça, que deixa cair immediatamente. Estava morto.

Era uma hora e vinte e sete minutos. Um dos assistentes aproximava-se do relógio collocado sobre o fogão, e fazia-o parar.

O grande poeta deu pouco antes de morrer a Augusto Vacquerie n'um «enveloppe» aberto, as seguintes linhas que constituam as suas ultimas vontades para o dia seguinte:

«Lego cincoenta mil francos aos pobres.

Desejo ser levado para o cemiterio na sua tumba.

Rejeito as resas de todas as religiões e peço a todas as almas uma oração. Creio em Deus.»

Victor Hugo.»

PALAVRAS DE VICTOR HUGO

Toulon, c'est peu; Sedan, c'est mieux.

L'homme tragique, Saisi par le destin qui n'est que la logique, Captif de son forfait, livré les yeux bandés Aux noirs événements qui le jouaient aux dés, Vint s'échouer, rêveur, dans l'opprobre insondable. Le grand regard d'en haut lointain et formidable Qui ne quitte jamais le crime, était sur lui; Dieu poussa ce tyran, lave et spectre aujourd'hui, Dans on ne sait quelle ombre où l'histoire frisonne, Et qu'il n'avait encore ouverte pour personne; Là, comme au fond d'un points sinistre, il le perdit. Le juge dépassa ce qu'on avait prédit.

(L'Année Terrible)

Votei pelo sr. Bonaparte. Na esphera da minha acção favoreci a sua eleição. Tenho, pois, o direito de dizer algumas palavras sobre os sentimentos d'aquelles que procederam como eu e sobre os meus proprios sentimentos. Pois bem! Nós não votámos em Napoleão por elle ser Napoleão; votámos no homem que, amadurecido nas prisões politicas, escreveu livros notaveis em favor das classes pobres. Votámos n'elle, emfim, porque deante de tantas pretensões monarchicas achámos util que um príncipe abdicasse os seus titulos para receber do paiz o cargo de presidente da Republica.

E depois, notae ainda isto, esse príncipe, já que se liga tanta importancia á recordação d'esse titulo, era um príncipe revolucionario, um membro d'uma dynastia aventureira, um príncipe sahido da revolução e que longe de

negar essa revolução era a sua propria confirmação. Eis porque nós o elegemos. N'esse condemnado politico havia uma intelligencia; n'esse príncipe havia um democrata. Confiamos n'elle.

Mas enganamo-nos nas nossas esperanças: o homem não procedeu como homem, o príncipe procedeu como príncipe!

Quereis a ordem, senhores do partido da ordem? Aceitae a republica. Aceitae-a, aceitae-a pura, simples e lealmente. Nada de mais príncipes, de dynastias, de ambições extra-constitucionaes, de sonhos illusórios, para não dizer conspirações. Quando deixarmos todos de sonhar, estará o mundo tranquillo. Estes ares principescos, estas tristes e importunas dotações, estas esperanças que não sei onde vão ter, estas aspirações ao dia de amanhã dictatorial e por consequencia revolucionario, é a agitação, é a desordem. Aceitae a Republica e a ordem será definitiva.

(Discurso contra Luiz Bonaparte na sessão legislativa de 6 de fevereiro de 1851)

Tinha que escolher a morte ou o opprobrio; era preciso entregar a alma ou entregar a espada. Luiz Bonaparte entregou a espada.

Escreveu a Guilherme:

«Sr. meu irmão:

Não tendo podido morrer no meio dos meus soldados, só me resta collocar a minha espada nas mãos de vossa Magestade.

Sou de Vossa Magestade o bom irmão

Sedan, 1 de Setembro de 1870.

Napoléon.»

Guilherme respondeu:—«Senhor meu irmão, accetto a vossa espada.» E a dois de setembro, ás seis horas da manhã, essa planície, regada de sangue e coberta de mortos, viu passar um calecho puchado a quatro cavallos, dourado, descoberto, com um homem dentro, de cigarro ao canto da bocca. Era o imperador dos francezes, que ia entregar a sua espada ao rei da Prussia.

O rei fez esperar o imperador. Era muito cedo. Mandou dizer a Luiz Bonaparte pelo sr. de Bismarck que o não queria receber ainda. Luiz Bonaparte entrou em um casebre que orlava a estrada. Tinha só uma saleta com duas cadeiras e uma mesa. Bismarck e elle acotovellaram-se na mesa e conversaram. Conversa lugubre. A' hora que ao rei lhe pareceu, que mais lhe agradou, pelo meio dia, o imperador subiu para a carnagem e dirigiu-se ao castello de Bellevue, a meio caminho do castello de Vandresse. Esperou alli que o rei chegasse. A' uma hora chegou Guilherme de Vandresse e consentiu em receber Bonaparte. Recebeu-o mal. Attila não tem a mão leve. O rei velho e rude, foi para com o imperador d'uma commiserção involuntariamente cruel. Ha piedades que esmagam. O vencedor censurou a victoria ao vencido. A grosseria aggrava uma chaga viva. —Que ideia tinheis ao fazer esta guerra? — O vencido desculpou-se accusando a Franca. E os hourrahs longiquos do exercito allemão victorioso cortavam este dialogo!

O rei fez conduzir o imperador por um destacamento da guarda real. Este excesso de ignominia chama-se uma *escolla de honra*.

(Histoire d'un crime)

Jeanne parle; elle dit des choses qu'elle ignore; Elle envoie à la mer qui gronde, au bois sonore, A la nuée, aux fleurs, aux mids, au firmament, A l'immense nature un doux gazouillement, Tout un discours, profond peut-être, qu'elle achève, Par un sourire où flote une âme, où tremble un rêve, Murmure indistinct, vague, obscur, confus, brouillé,

Dieu, le bon vieux grand-père, écoute émerveillé.

Viens, mon George. Ah! les fils de nos fils nous enchantent, Ce sont de jeunes voix matinales qui chantent, Ils sont dans nos logis lugubres le retour Des roses, du printemps, de la vie et du jour!

(«L'art d'être grand-père»)

Luiz Bonaparte monta bem a cavallo. E' um individuo vulgar, pueril, theatral e balfo.

Ama a vaidade, as fitinhas, os dourados, as lantejoulas, e as commendas.

As palavras de grande effeito, os grandes titulos, o que são, o que brilha, todas as verroteries do poder. Na sua qualidade de parente da batalha d'Austerlitz, fardase de general.

Pouco lhe importa que o desprezem; contenta-se com ter figura de respeito.

Quando abre a bocca não é para falar é para mentir. Mente como os outros homens respiram. Se falla n'um acto de honestidade, acautelae-vos; se affirma, desconfiae; se jura, tremei.

(Napoléon Le Petit).

Prêtre, on souffre! et le luxe odieux l'environne!

Commence par jeter par terre ta couronne. La couronne est gênant à l'aurole. Il faut Ghoisir de l'or d'en bas ou du rayon d'en haut. Sache, ô pasteur joyeux, que les peuples frissonnent; Sache que le ciel pale est plein d'heures qui sonnent Le toc sin des berceaux, le glas des nouveau-nés. Prends garde aux innocents dont tu fais des damnés. Grains le mal qui flamboie et que toi-même allises Avec tes vanités, avec tes convoitises. Prêtre, à qui donc as-tu pris ta richesse? Aux pauvres. Quand l'or s'enfle en ton sac, Dieu dans ton cœur décroît. Apprends qu'on est sans pain et sache qu'on a froid.

(Le Pape)

C'est toi, dénaturé! oui, te voilà, c'est toi Qui fis taire ton cœur pour écouter la foi, Qui, pour gagner ton ciel de larve et de chouette, Foules ton âme aux pieds, mère sourde-muette, Et qui, lorsque ton fils se couchait en travers De ta porte, pleurant et les deux bras ouverts, Marchas sur ton enfant pour entrer dans le cloître.

(A uma santa.—Les Quatre Vents de l'Esprit)

MANIFESTAÇÃO

EM FRANÇA

NO SENADO

O presidente do Senado.—Senhores senadores, morreu Victor Hugo. Entrou na immortalidade o que atrahia ha sessenta annos a admiração do mundo e o legitimo orgulho da Franca (Muito bem, muito bem.)

Não descreverei a sua vida porque todos a conhecem; a sua gloria não pertence a nenhum partido, a nenhuma opinião (Viva approvação em todos os bancos); é apanagio e herança de todos (Nova approvação.)

Só tenho a fazer sobresahir a profunda e dolorosa emoção de nós todos e, ao mesmo tempo, a unanimidade das nossas saudades.

Tenho a honra de propôr ao Senado que levante a sessão em signal de luto (Approvação unanime.)

NO CONSELHO MUNICIPAL

O presidente do conselho municipal.—Senhores, conhecemos todos o lucto que fere a patria.

Victor Hugo morreu. Proponho-vos que se levante a sessão (Assentimento unanime.)

O sr. Pichon.—Proponho que o conselho municipal vá encorporado e immediatamente a casa de Victor Hugo exprimir á fa-

mília do maior de todos os poetas os sentimentos de sympathia e pezaes profundos dos representantes da cidade de Paris (Muito bem, muito bem.)

O sr. Deschamps.— Tenho a honra, em nome de muitos dos meus collegas e em meu nome de propôr que o Panthéon seja restituído ao seu destino primitivo para alli sêr depositado o corpo de Victor Hugo (Aprovação n'um grande numero de bancos.)

NA CAMARA DOS DEPUTADOS

O presidente da camara dos deputados.— O mundo acaba de perder um grande homem. A França acaba de perder um dos seus melhores cidadãos, um filho que enriqueceu o antigo thesouro da nossa gloria nacional.

O seculo desenove não ouvirá mais a voz do seu contemporaneo, do que foi um echo sonoro das suas alegrias e das suas dôres, testemunha apaixonada das suas grandes e das seus desastres.

O poeta, o que foi denominado *creança sublime*, arrebatou a mocidade brilhante d'este seculo. Nas horas de desalento, nas horas anuevadas, sustentou as consciencias, reanimou a coragem; e nos ultimos annos o velho agosto veio ao meio das nossas desgraças e das nossas luctas trazer o espirito de concordia e tolerancia de quem tudo podia comprehender e tudo conciliar, tendo soffrido tudo pela Republica.

Tinhamo-nos habituado a julgalo immortall na sua velhice laboriosa e indomavel. D'ora avante viverá na admiracão eterna da posteridade, no circulo huminoso dos espiritos soberanos que impõem os seus nomes aos seculos.

Victor Hugo não cinzelou somente e fez resplandecer a nossa lingua como uma maravilha da arte; forjou-a como uma arma de combate, como uma ferramenta de propaganda, arma que manejou valentemente por mais de sessenta annos. A propaganda d'esse heroe da humanidade foi em favor dos fracos, dos humildes, da mulher, da creança, pelo respeito inviolavel da vida, pela misericordia para com os que se desgarram, que elle tentava trazer á luz e ao dever; e é por isso que o nome de Victor Hugo deve sêr proclamado não só no recinto das academias, onde se inscreve a fama dos artistas, dos poetas, e dos philosophos, mas em todas as assembleas onde se elabora a lei moderna, á qual o eleito de Paris quiz dar por regras superiores as nobres inspiraçoens do seu genio prodigioso de tanta força e bondade ao mesmo tempo.

(Este discurso foi interrompido por applausos unanimes.)

NO ESTRANGEIRO

NA INGLATERRA

Em todas as grandes cidades inglesas, os jornaes deram edicões especiaes sobre a morte de Victor Hugo. A agencia telegraphica *Central-News* telegraphou a noticia a quinhentos clubs do reino unido.

São innumeradas as sociedades litterarias que mandam delegaçoes aos funeraes de Victor Hugo.

O *Times*, *Standard*, *Pall Mall Gazette* e outros jornaes de grande tiragem dedicam a sua primeira pagina ao grande poeta.

EM ITALIA

Camara dos deputados.— O sr. Crispi exprime a sua dor pela morte de Victor Hugo, que é, diz elle, não só um lucto para a França, mas ainda para o mundo civilizado e pede ao presidente da camara que associe a nação italiana ao lucto da França.

O presidente da camara diz que o genio de Victor Hugo não illustra só a França, mas a humanidade inteira (Muito bem, muito bem.)

A dor da França é commum a todas as nações (Applausos.)

A Italia não esquecerá nunca que nos seus dias de desgraça te-

ve sempre em Victor Hugo um amigo benevolente e um defensor ardente da santidade dos seus direitos (Muito bem, muito bem.)

A Italia reconhecida deplora a perda de Victor Hugo e associa-se ao luto da nação franceza (Vivissima approvação em todos os bancos.)

NÃO TEM MÉDO! ?

Sr. Francisco Manuel Homem Christo.

Tendo-nos V. dado a honra de nos encarregar de liquidar como se usa entre cavalheiros, uma pendencia motivada por um artigo publicado no jornal a *Epocha*, em que V. julgou sêr offensas graves ao seu caracter, dirigimos a seguinte carta ao director d'aquelle jornal:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director do Jornal a *Epocha*.

Encarregados pelo sr. Francisco Manuel Homem Christo, de indagar quem toma a responsabilidade moral d'um artigo intitulado *Ao Ferrabraz de Alexandria* publicado na *Epocha* de 21 do corrente, rogámos a V. Ex.^a como é praxe em questões d'esta natureza, queira habilitar-nos a desempenhar a nossa missão.

Sómós de V. Ex.^a

Lisbõa 26 de maio de 1885.

Att.^{os} ven.^{os}

(Assignados) *Ernesto Loureiro*— Rua Nova de S. Francisco de Paula, 27, Lisbõa.

Manuel José Coelho Borges— Rua dos Mouros 30—3.^o

Em resposta acabamos de receber a declaracão que se segue:

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Respondo, como me cumpre, á carta de V. Ex.^a e do ex.^{mo} sr. Coelho Borges, dizendo que a *Epocha*, dos artigos que não forem assignados toma apenas a responsabilidade legal.

Sou de V. Ex.^a

Aveiro 27 de maio de 1885.

Mello Freitas,

Não sendo, portanto, uso entre os redactores d'aquelle folha assumir a responsabilidade moral dos aggraves que pretendem fazer aos seus adversarios, e não sendo possivel exigir reparaçoes de honra a irresponsaveis anonymos, julgámos terminada a nossa missão e V. inteiramente illibado no seu procedimento correcto.

Lisbõa 28 de maio de 1885.

De V.

Att.^{os} ven.^{os}

Ernesto Loureiro.

Manuel José Coelho Borges.

Eu julgo conhecer o autor d'aquelle artigo, em que me cobriam de improperios. Não me engano. E' o mesmo que um dia me procurou com dois entes despreziveis, armados d'estoques e revolvers, para me atacar em minha casa.

E' o mesmo que acompanhado por dois entes despreziveis feriu meu irmão covardemente pelas costas. E' o mesmo que fez com que uma autoridade superior me expulsasse da minha terra, logo apoz aquelles actos miseraveis. E' o mesmo que eu provoqueei a um desforço leal em cartas e artigos successivos. E' o mesmo a quem me offereci para alyo dos seus tiros, implorando-lhe pela ultima vez que levantasse as minhas provocaçoens se era digno, depois d'aquelle sessão do tribunal em que me arrojou insinuaçoens, sessão em que o marcaram com o ferrête de infame. E' o mesmo que ainda hoje anda por toda a parte de dêdo no gatilho do revolver, porque suppõe os outros assassinos como elle.

Emfim, é o mesmo que declara que no seu jornal não ha quem

tome a responsabilidade moral dos artigos sem assignatura!

E' um gaiato que não cessa de apedrejar os homens, dos cantos das vielas.

Eu estava desobrigado de me bater com um individuo de tal ordem, com um individuo que vai acompanhado por dois outros atacar um cavalheiro desnuado e desarmado, com um individuo que em lugar de levantar as minhas provocaçoens vai pedir ao governadôr civil que me comprometta gravemente n'um ministerio qualquer e á justiça que me dê um sopapo na bolça. Desobrigado pelo *codigo official dos duellos* em França, desobrigado pelas leis do conde de Chatauvillard, desobrigado por todos os principios de lealdade, de dignidade, de cavalheirismo. Entretanto, para arredar de mim todas as insinuaçoens e vêr pela ultima vez até onde ia a *valentia* d'esse *valente* que não tem medo, peço a dois dos meus mais queridos amigos que se deem a incommodos exceptionaes para resolver uma pendencia em que me via envolvido. Felizmente os meus amigos não tiveram que se incommodar! No jornal constituinte não ha quem tome a responsabilidade moral dos artigos por assignar! Pois assigne e insulte. Não terá resposta. Aos tribunaes não o chamo nem pago a um gallego que lhe vá quebrar as costellas porque o gallego quer muito dinheiro e eu confesso que sou pobre. Chame-me a mim, que no *Povo de Aveiro* encontrará assignados e promptos os autographos dos artigos em que mais directamente o ataquei e a esses despreziveis que conhece. Leve para deante essas decantadas policias correccionaes, que eu quero ter o prazer, não obstante a minha posição melindrosa, de me sentar no banco dos *reus*, para o amarrar outra vez ao pelourinho da irrisão publica.

Assigne e insulte. Insultem todos. E' a terceira vez que procuro a dignidade em certos homens de Aveiro sem a encontrar. Eu vos juro que nunca mais tentarei encontrá-la. Nunca!

Um dia accusaram-me de me esconder detraz do anonymo. Larguei o anonymo e apresentei-me de rosto descoberto. N'outro dia accusaram-me de arranjar para testemunhas dois operarios educados e honestos, e eu não reconheo outras distincçoens alem da educação e da honra. Agora tomo por testemunhas um jornalista de talento, um funcionario publico respeitavel pela sua posição e muito mais pelo seu conhecido pundonor, um official do exercito tão brioso e honrado como aquelle e respondem-me que não tomam a responsabilidade dos insultos que me dirigem.

Minha pobre e linda terra, que tão desprezada has de sêr enquanto consentires que tantos dos tens homens tenham a honra por sarcasmo e a garotice por gloria!

Lisbõa, maio de 85.

FRANCISCO CHRISTO.

A SERIO

Fallámos para o publico.

Não é *vila*. Foi sempre *villa* em todos os tempos e em toda a parte. Escreve-se com a consoante dobrada em todas as linguas derivadas do latim. Assim, em hespanhol é *villa*, em francez é *ville*, em italiano é *villaggio* e em portuguez é *villa*.

Nos tempos mais remotos foi *villa*. N'uma carta curiosa de Afonso III a João Martins Cabanelia, carta que se encontra no livro 2.^o da chancellaria de Afonso IV, folhas 38, lê-se:

« O cabido e o vigayro do Porto queixaram-se-me que vos filhades as torres e as fortalezas da VILLA e que faziades justiça etc. »

Nos tempos modernos é *villa* da mesma forma. Mandou-se um

proprio á tenda no fim da *villa* (Garrett— *Viagens na minha terra*, vol. I pag. 29—4.^a ed.)

No dictionario de Moraes encontra-se a pag. 322, vol. 2.— *Villa* (do latim *villa*). Por mais que se folheie esse dictionario não se encontra *vila*. Encontra-se porem em *villa* esta citação que serve maravilhosamente ao Jaquina:— « Não é *villão* o da *villa*, senão o que faz *vill* nio. »

Tambem logo abaixo se encontra « tomar » as de Villa Diogo; e quer dizer *fugir*. E' o que o Jaquina faz quando lhe apparece um homem só pela frente!

No dictionario de Lacerda, pag. 1081 vol. 2. quarta ed. lê-se:— *Villa* (do latim *villa*, casa de campo) e a seguir cento e doze povoaçoens portuguezas com o nome de *villa de...* E *villa* sempre *villa*!

Por mais que se folheie esse dictionario não se encontra *vila*.

No dictionario de Vieira encontra-se apenas uma leve citação de Damião de Goes que teve a phantasia de escrever uma vez *vila*, se escreveu, incorrectamente. Citação simples, sem comentarios. E adiante, pag. 948 vol. 5, edição portuense de 74 é que define a palavra *villa*, que declara vir do latim *villa*. Ahí faz citaçoens curiosas dos nossos classicos. E querem ver como João de Barros escrevia? « E foi sepultado em a *villa* de Lagos e d'ahi passou ao mosteiro de Sancta Maria da Victoria. » Dec. I, liv. 2, cap. 16. E querem ver como Fernão Mepdes Pinto escrevia?

« Fomos aquelle dia já quasi noute dormir a huma *villa* grande que se chamava Potimbeu. »

Peregrinaçoens, cap. 85.

E querem ver como Freire de Andrade escrevia?

« D'aquí esta nova «villa» que estou vendo. « A dos Numes se diz, segundo entendo »

« Primeiro cerco de Diu » can. 5

E querem ver, oh céos, como o proprio Damião de Goes escrevia? « D. Vasco Coutinho, conde de Borba, governadôr; é capitão d'esta *Villa* etc. » *Chronica de D. Manuel*, part. cap. 12.

E' asno, o Jaquina, ou não é asno? Apanha uma citação no dictionario de Vieira, que Vieira atirou para alli ao acaso sem comentarios, uma citação de Damião de Goes que não me parece ter valor nenhum, porque Damião de Goes escreve sempre *villa*, como se pode vêr na *Chronica de D. Manuel*, onde repete essa palavra dezenas de veses, e vêm-nos dizer que os classicos escreviam *vila*. Deus se compadeça da alma d'aquelle homem!

Emfim, no dictionario contemporaneo da lingua portuguesa, encontra-se a pag. 1866 *villa* (do latim *villa*) e por mais que se folheie não se encontra *vila*.

Sobre *semelhante* ou *similhante* encontra-se no primeiro dos dictionarios que ahí ficam citados a pag. 654 vol. 2 escripto *semelhante* ou *similhante*. *Semilhante* é que se não encontra em parte alguma!

No segundo dos dictionarios citados encontra-se a pag. 954 vol. 2 escripto *semelhante* e a 955 *similhante*. *Semilhante* é que se não encontra em parte alguma!

No terceiro encontra-se a pag. 433 vol. 5 *semelhante* e a pag. 522 *similhante*. *Semilhante* é que se não encontra em parte alguma. Apenas diz que Castello Branco escreveu algures *semilhante*. Por erro typographico talvez, porque o mesmo autor escreve *similhante*.

No quarto encontra-se a pag. 1625— *semelhante* e na introdução pag. XIX diz-se que modernamente se escreve *similhante*, em vez de *semelhante*. Porem não se encontra em parte alguma *semilhante*!

O dictionario contemporaneo tem razão. Nas mais antigas ordenaçoes, em todos os classicos sem excepção encontra-se sempre escripto *semelhante*. Modernamente é que se escreve *similhante*. Por isso nós dissimos aquelle idiota que escrevesse *semelhante* ou *similhante*!

Sobre theatro, nem fallêmos, que é vergonha. *Theatro* escreve-se em gallego ou na sonica do sr. Barboza Leão. Para quem dá a etymologia como razão suprema da nossa orthographia, não é mau appellar para a sonica. Fóra da sonica e da Galliza, escreve-se theatro.

Emfim Bluteau teve licença para publicar o seu dictionario em 1713, se me não falha a memoria. Para dois seculos faltam apenas 28 annos. Commettêmos o crime de arredondar a conta!

Sem sciencia, sem erudição, sem idéas, sem phrases e sem grammatica, que lhe resta, seu idiota?

O que andou a fazer na Universidade? O que fez ao que estudou? Mal empregado tempo e dinheiro. Eis o inconveniente de se errar a vocação dos individuos. Aquillo dava um magnifico remendão de escada. Mas fazem-no bacharel e passam pelo desgosto de perder o tempo, de perder o dinheiro, de desacreditar a Universidade, de desacreditar todas as escolas por onde passou, de desacreditar todos os professores que o tiveram por discipulo, e talvez pelo desgosto de dar com elle em doido. Todos os burros sabem latim, e este nem ao meos sabe latim! E' desgraça.

Os seus insultos são provenientes da sua imbecilidade. Vê-se repellido de todas as trincheiras, ridicularisado, esmagado, a cahir no abyssmo e procura enganar a sua propria consciencia *esbravejando*. Descance que ha de ir até ao fundo do lameiro. Havêmos de o fazer percorrer essa estrada ingreme em que se metten. Serêmos implacaveis com as suas folices.

NOTICIARIO

Já se acha entre nós e tomou posse na segunda feira o novo delegado do thesouro d'este districto sr. Diniz Kopek Severim de Souza Lobo.

A integridade do caracter de s. ex.^a que lhe tem conquistado tantas sympathias nas terras onde tem vivido, será tambem na cidade que lhe assistiu ao desabrochar da infancia, o penhor da mais sincera consideração e respeito.

Voltou ao continente o nosso amigo Bento Gasimiro Feyo, que exercia em Gôa o lugar de pharmaceutico official.

O nosso amigo vem com 40 dias de licença pela junta de saude.

Falleceu na quarta feira o sr. João Bernardo Ribeiro de Carvalho e Brito.

Pertencêra ás hostes migue-listas, de que era soldado aguerrido, occupando um posto superior, e valendo-lhe isso perseguiçoens severas.

Intransigente com os principios que elle julgava a origem da nossa decadencia, morreu abraçado ás suas crencas e alimentando sempre as esperanças da resurreição de um regimen caduco e anachronico.

Era um d'esses caracteres rigidos e inflexiveis que inspiram sempre respeito no meio d'esta sociedade tão falta de estímulos e tão fértil em corrupção.

Temos sobre a banca o primeiro numero do *Amigo do Povo*, semanario republicano portuense.

O presente numero é dedicado ao passamento de Victor Hugo. As nossas saudaçoens.

Dizem-nos que entre os devotos que foram na segunda feira em peregrinação a Vagos para assistir a uma festa, houve pancardia com grande abundancia.

As libaçoes em honra da solemnidade do dia foram copiosas, os cerebros inflamados pelo fe-

vor da suas piedosas intenções, abraçados em mystica e encandescente devoção, penitenciarão-se mutuamente e com tal vontade que chegou a haver sangue.

Boas almas, não tem duvida. Nem ante o cadaver do maior vulto d'este seculo, pôde conter-se o facciosismo miseravel do parlamento portuguez, e isso dá-nos a craveira moral d'um tal parlamento.

O illustre deputado republicano Consiglieri Pedroso foi o que tomou a iniciativa d'uma proposta para que fosse lançada na acta um voto de sentimento pela morte de Victor Hugo, associando-se-lhe o deputado progressista Antonio Candido.

O presidente teve a audacia de recusar a discussão da proposta, pretextando numero insufficiente de deputados, que passejavam nos corredores da camara. Não sem repugnancia votou-se finalmente uma proposta do sr. Antonio Candido no mesmo sentido da do sr. Consiglieri Pedroso.

O espirito mesquinho e maleavel da presidencia e carneirada teve escrupulos em aceitar a proposta do deputado republicano, que foi preterida, votando a do deputado progressista. Isso pouco importava, se o facto não obdesse ás praxes das maiorias do nosso parlamento que se degrada servilmente. Mas é que na enchurrada ia envolvido o nome de Portugal, que pela bocca dos seus representantes (?) regateou os respeitoes á memoria de Victor Hugo.

Salvou-se a tempo, mas não sem vergonha. Opprobrio para taes parlamentos, que se deixam arrastar ás ultimas indignidades.

O decantado imposto do sal está enquiçado. Aveiro, que tem no sal a sua primeira fonte de riqueza, resente-se desfavoravelmente do iniquo imposto, porque o genero tem pouca saída.

O deputado republicano Consiglieri Pedroso chamou a attenção da commissão de inquerito parlamentar sobre o imposto do sal para a necessidade de resolver

imediatamente essa questão que interessa a todos em geral, porque representa interesses imporantissimos de classes pouco favorecidas da fortuna, como são os pescadores e donos de barcos e canoas de picada. No principio d'este mez, disse-lhe o sr. Karrilho, em resposta a uma pergunta que então fizera, que os trabalhos da commissão estavam quasi concluidos e que na semana proxima seria apresentado o respectivo relatorio. Passou essa semana, passou outra e não só ninguem dá noticias do relatorio mas ainda na anterior sessão declarou um membro da commissão que não podia prever quando os trabalhos se concluiriam!

Foi ha dias levada á camara dos deputados nova representação pedindo a resolução immediata da pendencia. Mas ella ha de ter o mesmo fim que tem todos os pedidos do povo. Suas magestades e altezas vão sem novidade na sua importante saule. Os representantes do povo (?) foram tão sollicitos em lhe darem

1000 contos, como são negligentes em attender aos clamores de uma classe numerosa e pobre, que está a morrer de fome.

A questão está, pois, nas mãos da commissão de inquerito. Esperem que ella dê o seu parecer, seus impertinentes. A pessoa do rei é outra couza mais sagrada.

Em Caminha vae um escandaloso muito serio. Está no poder judicial uma participação de um crime perpetrado, segundo diz a queixa dirigida ao sr. delegado do procurador regio, pelo abbade de Ancora, na pessoa de uma filha do sr. Ennes Lirio.

São repugnantes as declarações feitas pela victima no tribunal da comarca.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorizados.

A policia civil de Lisboa recebeu ordem para não consentir os mendigos de opa que constantemente invadem as ruas da capital, pedindo esmola para a ceira de diversos santos, mas fazendo muitas vezes reverter em proveito proprio a receita obtida pela exploração dos sentimentos religiosos do povo.

Nos circulos officiaes do reino visinho indica-se para ministro hespanhol junto da corte de Lisboa, o director e proprietario da Epoca, sr. Escobar.

Anda em visita ás suas subordinadas a superiora geral das irmãs hospitaleiras portugezas.

Esteve em Monsão, seguindo d'ali para Caminha.

Cuidado, chefes de familia, porque estas mulheres são os instrumentos da caterva negra.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

ALFAIATE

Manuel Ferreira Martins abriu o seu estabelecimento na rua Direita, defronte da Livraria Mello Guimarães, em Aveiro.

Acaba de receber um lindo sortimento de fazendas proprias para a estação. Preços commodos.

Venda de Casa

VENDE-SE uma morada de casas, terra na frente e com um andar nas trazeiras, mais o competente quintal, sita na rua de S. Bartholomeu.

Quem a pretender dirija-se a Thomaz Vicente Ferreira, Rua das Barcas— Aveiro.

HISTORIA

DA REVOLUÇÃO FRANCEZA POR— A. THIERS

A Historia da Revolução Franceza será illustrada com 400 magnificas gravuras e dividir-se-ha em 65 fasciculos quinzenaes, abrangendo cada fasciculo 24 paginas de texto formato 8.º grande, a duas columnas, e contendo 6 gravuras pelo menos.

As capas da brochura, para cada um dos volumes em que a obra é dividida, serão offerecidas gratuitamente a todos os srs. assignantes.

Cada fasciculo custa 100 rs. Nas provincias, pagamento adiantado ás series de 6 ou mais fasciculos.

A distribuição é feita nos dias 15 e 30 de cada mez. As despesas de remessa são á custa da empresa.

Os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos á casa editora Cruz, Braga & C.ª, Empresa Litteraria Portuense, na rua de Santa Catharina, 109, 1.ª, Porto.

BIBLIOTHECA DO CURA DE ALDEIA 211—RUA DO ALMADA—217 PORTO

OS PREDESTINADOS

POR Henrique Perez Escrich

Acaba de sahir do prelo o 3.º volume. Preço de cada volume 500 reis.

Para os srs. assignantes 450 reis. Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

Officina e deposito de moveis

—Rua de José Estevão—

MANUEL F. LEITÃO apronta com a maxima brevidade qualquer encomenda que diga respeito á sua arte.

CAIXÕES FUNEBRES

Tem um grande deposito d'elles, de todos os tamanhos, sempre forrados e prontos para qualquer hora a que forem procurados.

XAROPE phelandrio composto de roza.

POMADA anti-herpetica do dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e brogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systems, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

RIO DE JANEIRO

COLCHOARIA DO CORSARIO

Rua d'Assembleia — 106

E' prohibido sair freguez sem fazenda. A questão é de pintos á vista. Ser barateiro para arranjar dinheiro.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 300 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 79— AVEIRO (Pegado á Caixa Economica)

GENEBRA

SEM RIVAL

Tonica, hollandeza, da antiga fabrica de C.C. Moreira & C.ª PREMIADA NA ULTIMA EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA Consummo e acceitação geral em todo o paiz. Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia no Porto.

Phaeton

No hotel Cysne do Vouga ha um para alugar. Quem o pretender pôde dirigir-se ao dito hotel ou á antiga cocheira do sr. Leite Ribeiro, proximo á alameda do Cojo.

ARMAZEM

Aluga-se um nos baixos da casa que foi do fallecido Bento Magalhães, na rua de Alfandega.

Quem o pretender dirija-se a Fernando Homem Christo.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a disppepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescenca de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A' venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; em Ilhavo, João C. Gomes. Deposito geral, pharmacia Maia, Oliveira do Bairro